

Ciências Humanas em Contexto

A classificação das Ciências não é unânime. Isso se deve à própria dificuldade em definir o que é a Ciência. Originariamente, o anseio pela Ciência surgiu com a *episteme* grega, sob o sentido de conhecimento rigoroso, quando o matemático Platão de Atenas (428-348 a.C.) filosofou sobre o novo saber distinguindo-o da *doxa*, termo correspondente a saber superficial, opinião crédula: expressivo do senso comum. Tal anseio e distinção foram provocados pelo pensador Parmênides de Eleia (530-460 a.C.), que vislumbrou, no poema *Da Natureza*, a necessidade de buscar o “conhecimento verdadeiro”.

O novo saber se distinguira da *doxa*, mas ainda se confundia com a *sophia*, como sabedoria e até como teologia - nos termos da *Metafísica* de Aristóteles (I.1 984a29) -, por conseguinte, constituindo-se no que herdamos dos gregos como Filosofia; embora o matemático Pitágoras de Samos (570-495 a.C.) já houvesse proposto distinguir-se como filósofo (*philosophos*; amante do saber) em vez de sábio (*sophos*). Mas nossa herança da Filosofia provém de Aristóteles de Estagira (384-322 a.C.), pupilo do “filósofo por excelência”, como defende o Professor Antônio Jorge Soares (2020). Foi o discípulo quem sistematizou tudo o que o seu mestre Platão e seus antecessores haviam pensado. E, por tal sistematização, ele classificou as “ciências” - a sabedoria ou Filosofia - em teóricas e práticas.

Entre as “ciências” teóricas Aristóteles organizou todo discurso cujo objeto é a natureza (*physis*) do Ser (*ontos*), ou seja, que se refere à substância (*ousia*): essência daquilo que é necessariamente; isto é, que existe por necessidade lógica de princípio (*arché*); quer dizer: que existe por natureza. Entre as “ciências” práticas ele envolveu todo discurso que se refere ao que existe por convenção (*Ética a Nicômaco* I.3, 1094b15). Ou seja: aquilo que se realiza em sua causa final; isto é, cujo ser é estabelecido pela sua finalidade, a qual pode mudar conforme a compreensão e interesse entre os humanos (*Política* IV.1, 1288b25). Para tanto, seu pressuposto era tão somente a Razão (*logos*) propugnada por Heráclito de Éfeso (540-470 a.C.) como princípio organizador e repensada como capacidade animal de compreender e buscar usar tal princípio (*E.N.* VI.1, 1139a5). Porquanto Aristóteles

estabeleceu dois métodos: o analítico, originado com Parmênides, para o discurso teórico; e o dialético, originado em Heráclito, para o discurso prático.

Essa classificação aristotélica do saber perdurou até os renascentistas (séc. XIV-XVI) que promoveram a transição da Idade Média para a Idade Moderna, quando os primeiros saberes sobre a Natureza, como a Física e a Química, se constituíram, de fato, em Ciência, como um novo discurso para explicar a realidade empiricamente. Vale lembrar que físicos como o italiano Galileu Galilei (1564-1642) e mesmo o inglês Isaac Newton (1642-1727) já estavam constituindo o novo saber, embora pensassem ainda estar fazendo “Filosofia da Natureza”. Por outro lado, pensadores como o inglês Francis Bacon (1561-1626) e o francês René Descartes (1596-1650) questionavam sobre o método para a Ciência, embora fizessem Filosofia. Isto porque os limites entre Filosofia e Ciência ainda não estavam claros, até o *Curso de Filosofia Positiva* do francês Augusto Comte (1798-1857) e o *Novo Espírito Científico* de Gaston Bachelard (1884-1962) insistirem na separação.

A partir da classificação científica de Comte, para quem a “fundação da física social completa o sistema das ciências naturais” (1ª lição, § VII), e observadas as revoluções científicas até o século XX, nos anos 1930 a 1970 vários filósofos buscaram demarcar a natureza da Ciência, através de critérios como o verificacionismo do físico alemão Rudolf Carnap (1891-1970), ou o falsificacionismo do austríaco Karl Popper (1902-94), a historicidade na crise dos paradigmas do físico americano Thomas Kuhn (1922-96), ou a comunicabilidade entre programas de pesquisa do matemático húngaro Imre Lakatos (1922-74) e até o anarquismo metodológico do austríaco Paul Feyerabend (1924-94).

A rigor, enquanto os filósofos discutiam sobre como fazer Ciência, os cientistas construíam as “ciências propriamente ditas”, segundo Comte, cuja classificação da Sociologia no âmbito das “ciências naturais”, devido à matematização na Física como modelo de Ciência, recolocava a problemática da natureza da Ciência, quanto ao seu objeto e quanto ao método. Assim, devido à supervalorização da matematização no objeto natural, herdamos ao menos duas perspectivas: 1) quanto ao objeto, a classificação científica menos problemática

consistiria em Ciências Formais, nas quais se inserem a Matemática e a Lógica; e as Ciências Fatuais, constituídas pelas Naturais e Humanas. 2) Quanto ao método, teríamos as Ciências Fatuais e as Hermenêuticas, nas quais se inserem todo discurso de interpretação dos fenômenos humanos.

Contudo, por tal matematização, pressuposta na ideia de “conhecimento rigoroso” da *episteme* grega, a meu ver, promoveu-se um preconceito pelo qual se negligenciou o conceito de Ciência, no sentido moderno, como discurso pertinente à realidade, de modo a distingui-la dos discursos teológico, metafísico e mítico. Pelo preconceito nos pressupostos, as linguagens lógica e matemática foram confundidas com a Ciência, posto que seus objetos não existem na realidade. A rigor, constituir-se-iam como saber técnico, como ferramenta para o saber científico e a arte, tal como pensara Aristóteles em sua classificação. Além disso, por serem linguagens que lidam com a exatidão, pelo critério de falseabilidade de Popper, não há como Matemática e Lógica serem ciências. Desse preconceito, decorre também, geralmente, a tentativa de discriminar qualquer discurso que vislumbre descrever alguma faceta da realidade humana ou arrisque interpretá-la sem o rigor matemático, como se tal linguagem fosse a única da natureza, o que não corresponde, principalmente, à natureza humana, ou seja, aos objetos de faceta histórica, geográfica, psicológica, econômica, social, política etc.

Para além da matematização, o preconceito reside no pressuposto de que somente o conhecimento científico é válido, menosprezando, assim, o discurso mítico, porque é superficial e acrítico; o teológico, porque depende da subjetividade da fé; e o filosófico, confundido com a metafísica. Tal preconceito ignora que tais discursos têm sua validade contextualizada em âmbito próprio da vida prática, conforme o caráter mental e as condições sociais da comunidade. Obviamente, se considerarmos a realidade como objeto precípua da Ciência, nisso ela já se distingue, essencialmente, da Teologia e da Filosofia como metafísica. Do senso comum, porém, ela se distingue pela sua profundidade e objetividade em relação à superficialidade e subjetividade das opiniões que são, geralmente, míticas, por serem

imagéticas e suporem uma explicação mágica. Disso decorre a exigência de método que garanta tal objetividade, isto é, a validação da comunidade científica. Isto se dá graças à cooperação e à competição entre os pares, que dependem de circunstâncias sociais e políticas, tal como observa Karl Popper, em sua décima-segunda tese sobre a *Lógica das Ciências Sociais*, visto que “a objetividade da ciência não é uma matéria dos cientistas individuais, porém, mais propriamente, o resultado social de crítica recíproca”. Isto significa que a objetividade da Ciência requer o crivo da comunidade científica, cujos indivíduos se constituem de valores que carecem da crítica própria e alheia, o que pressupõe novamente, aristotelicamente, a submissão à Razão.

Assim, no contexto das Ciências Humanas, vale refletir com Hilton Japiassu, em suas *Questões Epistemológicas* (1981, p.115), sobre “a necessidade de se redescobrir, no homem, aquilo que não pode constituir objeto de ciência: este fundo de existência também chamado de *vivido*”. E é nessa perspectiva que a **Revista Contexto** se abre para o *vivido* na realidade das profissões em Educação, Comunicação Social, Direito, Serviço Social, além da Geografia, História, Filosofia e Sociologia, como campos das Ciências Humanas; assim como o *vivido* na realidade acadêmica em vista à profissionalização desse campo de saber, para que tal produção do discurso sobre alguma dessas facetas da realidade humana possa ser posta sob o crivo da comunidade que se pretende objetivante, tanto no âmbito da pesquisa, quanto no da atividade de extensão ou da prática profissional.

Esses discursos estão aqui contemplados em dez textos de profissionais e de aspirantes, com investigações teóricas sobre a condição do *autoengano*, pelo Prof. Jefferson Maia, egresso da Licenciatura em Filosofia e do mestrado em Ciências Sociais e Humanas, da FAFIC-UERN, o qual abre esta edição; e os dois ensaios filosófico e sociológico, de professores que inauguram a última seção. No campo da pesquisa prática contemplamos discursos sobre *os impactos e as transformações vividas por microempreendedores do Rio Grande do Norte e do Ceará durante a pandemia de Covid-19*, com autoria da equipe de Comunicação Social; e o *uso da tecnologia educacional no ensino de Ciências em escola do*

RN, pelo pedagogo José Francisco. Uma equipe do Curso de Especialização em Mídia na Educação, da FAFIC-UERN, dispôs aqui suas pesquisas sobre a *condição de aprendizagem de alunos com deficiência intelectual através do uso da tecnologia digital*; sobre tal *condição em sala de aula na Paraíba*; e sobre as *condições de aprendizagem em atividades remotas em escola na Bahia*; assim como sobre tais *condições numa sala de aula no Rio de Janeiro*. Além disso, inauguramos a seção *Profissionalizante*, tratando da experiência vivida pelo Prof. Benedito Mendes, aposentado do Departamento de Geografia da FAFIC, apresentando o *Museu do Sertão* como sua obra viva.

E assim, vale asseverar com Hilton Japiassu a perspectiva e pretensão da **Revista Contexto**, pois é nessa “reconquista do fundo não objetivável do homem que pode ser compreendida a legitimidade e a justa ambição das disciplinas humanas em se tornarem científicas”.

Então, bom proveito na leitura de compartilhamento dos discursos investigativos das várias facetas do objeto humano! E boa crítica de objetivação desses discursos!